

Católicos birmaneses escrevem ao Papa

Agencia Ecclesia_21 dezembro 2007

Um grupo de católicos de Myanmar escreveu ao Papa, pedindo que “com a chegada do Natal, continue a rezar pelo povo birmanês, e que com suas palavras, contribua para não deixar que o mundo se esqueça de nosso sofrimento”.

O apelo foi publicado pela agência católica AsiaNews e relançado pelo jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, que chama a atenção para a tragédia desse país asiático e adverte que a repressão não acabou.

“Circulam pelo país espiões vestidos de monges, que contribuem para fazer prender jovens ativistas e religiosos budistas. Nas prisões, estes são torturados e não recebem assistência médica”, denuncia a publicação. Segundo a AsiaNews, guardas prisionais teriam aplicado injeções letais aos presos antes de libertá-los, para que estes morressem em suas casas. “Com estes e outros meios – escreve ainda a agência – a junta militar decidiu calar aqueles que ousaram erguer a cabeça e protestar contra as políticas que colocaram o país de joelhos, cedendo todas as suas riquezas às grandes potências da região”.

Enviado especial da UE espera "sinais positivos" de Mianmar

Ultimo Segundo_30 dezembro 2007

O enviado especial da União Européia para Mianmar, Piero Fassino, disse hoje em Pequim que espera sinais positivos da Junta Militar rumo ao diálogo e deu a entender que as sanções européias se adaptariam a uma evolução.

Fassino explicou que os "sinais positivos" esperados do regime autoritário seriam o fim da prisão domiciliar da líder da oposição Aung San Suu Kyi, e a adoção das recomendações do relator especial da ONU para os direitos humanos no país, o brasileiro Paulo Sergio Pinheiro.

Outro sinal positivo, segundo Fassino, seria o acesso ao país da agência da ONU para refugiados e de instituições como a Cruz Vermelha. Fassino disse que a UE está prestes a reforçar as suas sanções contra Mianmar, "como uma ferramenta para conseguir o diálogo, não como um objetivo em si mesmas". "Mas é preciso administrar as sanções em função da evolução da situação. Se houver, como esperamos, abertura ao diálogo, pode haver um ponto de vista diferente", explicou.

Fassino chegou à China na terça-feira, buscando o apoio das autoridades chinesas. "A China tem um papel estratégico essencial, como membro do Conselho de Segurança da ONU e por suas intensas relações com Mianmar", explicou.

As autoridades chinesas disseram a Fassino que em suas decisões respeitarão a soberania de Mianmar e, ao mesmo tempo, apoiarão as decisões da ONU. Fassino espera a resposta da Junta Militar a seu pedido de visitar Mianmar em fevereiro ou março.

Birmânia: EUA e UE pedem pressões «mais vigorosas» contra Junta

Diario Digital_30 dezembro 2007

A secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, exortou hoje a comunidade internacional a exercer pressões «mais vigorosas» sobre a junta birmanesa. A missão do enviado do secretário-geral da ONU, Ibrahim Gambari, «deveria ser menos discreta e mais vigorosa», declarou a chefe da diplomacia norte-americana numa conferência de imprensa em Washington.

O tratamento dispensado a Gambari pela junta birmanesa é «inaceitável», prosseguiu Rice. Já na quinta-feira, o enviado especial da União Europeia para a Birmânia, Piero Fassino, assinalara em Pequim que esperava «sinais positivos» da junta militar para o diálogo e afirmou que as sanções europeias serão ajustadas em função desses sinais.

Numa conferência de imprensa na Delegação da Comissão Europeia em Pequim, Fassino afirmou aos jornalistas que um desses sinais seria o fim da prisão domiciliária de Aung San Suu Kyi, líder da oposição e Nobel da Paz em 1991.

Adiantou que, além disso, a junta deveria aceitar as recomendações do enviado especial da ONU para os Direitos Humanos, Sérgio Pinheiro, depois da sua última visita à Birmânia, como condição para a criação de um clima de diálogo.

De acordo com Fassino, a entrada no país das agências internacionais como a Cruz Vermelha e do pessoal da ONU para prestar assistência aos refugiados seria mais uma manifestação positiva para o entendimento. Fassino também referiu a importância da participação de todos os sectores da sociedade birmanesa - exército, oposição e representantes das minorias - na elaboração da Constituição, que ajudará o país a sair da crise e que promoverá a democracia.

O alto representante referiu que a UE subscreve a postura da ONU face à crise instaurada pela brutal repressão aos monges em Setembro passado por parte dos militares birmaneses e louvou a acção do enviado especial da ONU, Ibrahim Gambari, que conseguiu a libertação dos presos e a celebração de três encontros entre Suu Kyi e a junta militar.

Fassino admitiu que a UE pode reforçar as sanções contra a Birmânia, «como um instrumento para pressionar as autoridades para o diálogo e não como um objectivo», tal como ficou decidido em Bruxelas a 14 de Dezembro. Reforçou que estas sanções serão «ajustadas de acordo com a evolução do caso».

Se houver abertura para o diálogo, como esperamos, poderemos adoptar uma postura diferente relativamente às sanções», notou, acrescentando que as sanções serão sempre aplicadas em equilíbrio com a assistência ao povo birmanês, nomeadamente nas áreas de educação, saúde e protecção. Fassino chegou à China na terça-feira com o objectivo de conseguir apoio das autoridades chinesas.

«Sabemos que a intervenção chinesa é fundamental para atingir o objectivo da reconciliação nacional birmanesa», sublinhou o enviado europeu, depois de se ter reunido com o responsável chinês para os assuntos asiáticos, He Yafei, e com o representante do Partido Comunista Chinês para as relações internacionais, Wang Jiarui. Os representantes chineses disseram a Fassino que vão respeitar a soberania birmanesa e que, ao mesmo tempo, apoiarão as decisões da ONU.

«A China tem um papel estratégico essencial, devido à sua posição forte no cenário internacional, como membro do Conselho de Segurança da ONU e devido à sua proximidade e relações intensas com a Birmânia», explicou, razões pelas quais a UE «espera que a China possa desempenhar um papel positivo na resolução da crise na Birmânia», tal como o fez no passado relativamente à Coreia do Norte».

«O papel da China nas questões da estabilidade regional é muito importante para a UE, que procura sempre dialogar e trabalhar com a China no sentido de obter dela uma intervenção à medida da sua dimensão e da sua projecção internacional», reconheceu à Lusa Rui Quartin Santos, o embaixador português em Pequim. Na qualidade de representante da Presidência do Conselho Europeu em Pequim, Rui Quartin Santos acompanhou a visita de Fassino e esteve presente na conferência de imprensa.

Em declarações à Lusa, o embaixador português afirmou que «democracia, desenvolvimento e estabilidade são os três objectivos centrais que a UE e a China partilham e consideram fundamentais para restabelecer a paz na Birmânia».

«No comunicado conjunto da Cimeira UE/China já se encontra uma base mínima de entendimento relativamente à questão birmanesa e penso que a presença do enviado especial criou um bom ambiente para alguma confluência de posições», acrescentou.

«Em matéria de sanções, a China prefere a persuasão e a concertação com outros países asiáticos e quanto à libertação de Aung San Suu Kyi, a China reconhece que é um problema interno a ser resolvido pelas autoridades birmanesas», explicou, «mas as autoridades

também reconhecem que estas questões afectam a estabilidade na região, que é um assunto determinante para a China». Fassino espera agora a resposta da junta militar ao seu pedido para visitar a Birmânia em finais de Fevereiro ou início de Março, e anunciou que Gambari prevê regressar ao país asiático já em Janeiro. Depois da China, Fassino deslocou-se à Índia, Indonésia, Tailândia, Malásia e Vietname, numa digressão pela Ásia que pretende conquistar apoios e desenvolver o diálogo para resolver a crise birmanesa.

ONU subestimou mortes em Mianmar, dizem ativistas

Reuters_14 dezembro 2007

O número de mortos na repressão às manifestações de setembro em Mianmar foi bem superior à estimativa feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), e muita gente continua desaparecida, disseram na sexta-feira ativistas que acabam de voltar do misterioso país.

Uma delegação de budistas que conseguiu entrar em Mianmar se passando por turistas disse que conversas secretas com ativistas indicaram pelo menos 70 mortos. O brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, relator especial de direitos humanos da ONU, escreveu em seu relatório que houve 31 mortes. O regime militar birmanês admitiu oficialmente apenas dez vítimas fatais.

"O regime se esforça para mostrar que a situação voltou ao normal, e não é nada disso, porque ainda há muita pressão e segurança", disse à Reuters a australiana Jill Jameson, da entidade Buddhist Peace Fellowship. A repressão às manifestações -- as maiores desde 1988 -- provocaram condenação internacionais e propostas de mais sanções contra o regime birmanês. Jameson entrou em Mianmar com dois religiosos tailandeses e um norte-americano. Eles conversaram com ativistas, monges e entidades humanitárias em Yangon e na fronteira Tailândia-Mianmar.

"Uma fonte confiável nos disse que houve 70 pessoas mortas depois das manifestações, quando estavam sendo detidas", afirmou ela. "Disseram-nos que os crematórios estavam funcionando entre 1h e 4h da madrugada."

Antes da repressão, havia cerca de meio milhão de monges e noviços budistas em Mianmar. Muitos estão desaparecidos, segundo ONGs. A Human Rights Watch afirmou neste mês, citando relatos de testemunhas, que as forças de segurança dispararam contra os manifestantes e prenderam milhares de pessoas em presídios oficiais e clandestinos.

Bush ameaça Mianmar com sanções caso não haja transição democrática

AFP_11 dezembro 2007

O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, ameaçou nesta terça-feira impor maiores sanções a Mianmar caso o regime birmanês siga ignorando os apelos para uma transição democrática.

"Se o regime continuar ignorando os apelos para uma verdadeira transição democrática e para a libertação de Aung San Suu Kyi e de outros presos políticos, os Estados Unidos estão preparados para liderar esforços internacionais visando impor mais sanções sobre o regime" birmanês, disse Bush em um comunicado. Bush comentou a publicação do relatório do especialista da ONU, o brasileiro Sérgio Pinheiro, que esteve em Mianmar entre 11 e 15 de novembro, poucas semanas após a repressão contra o movimento de protesto contra a Junta Militar birmanesa.

"O relatório de Pinheiro mostra porque o mundo não pode voltar as mesmas relações de sempre com o general Than Shwe e sua junta", disse Bush. "Peço a todos os membros da comunidade internacional que condenem, nos termos mais fortes, as atrocidades detalhadas no relatório de Pinheiro". A Câmara de Representantes dos EUA aprovou hoje sanções

contra as exportações de pedras preciosas e de gás natural de Mianmar, devido exatamente à repressão aplicada pela Junta Militar birmanesa. As sanções, aprovadas por unanimidade, também congelam as contas de líderes militares e políticos birmaneses em instituições financeiras dos Estados Unidos.

Birmânia regista primeiro caso de transmissão ao Homem

Publico_15 dezembro 2007

Foi detectado o primeiro caso de morte humana no Paquistão devido ao vírus da gripe das aves, no mesmo dia em que a Birmânia anunciou igualmente ter detectado o primeiro caso de transmissão do vírus H5N1 a um ser humano. Paralelamente, dois focos da doença foram detectados no sul do Benim e na Arábia Saudita foram abatidas 13.500 animais devido ao mesmo problema.

Um homem morreu recentemente no nordeste do Paquistão em consequência de uma infecção pelo vírus H5N1, anunciou hoje o governo paquistanês, assegurando que se trata do primeiro caso de morte humana registada no país. Pelo menos seis pessoas ficaram infectadas: "cinco recuperaram completamente e um homem morreu no hospital", indicava um comunicado do ministério da Saúde.

Também foi hoje anunciado um primeiro caso de transmissão humana na Birmânia. Uma criança de sete anos, originária da região de Shan (leste), foi internada num hospital de Rangum com uma versão altamente patogénica do vírus da gripe aviária, indicou à AFP um responsável dos serviços de saúde. "Trata-se do primeiro caso de transmissão a um ser humano [na Birmânia]", precisou o mesmo responsável.

No Benim foram detectados dois focos da doença em animais, nas localidades de Adjarra e Cotonou-Akpakpa, no sul do país, anunciou hoje o ministro da Agricultura, Roger Dovonou. "Enviámos amostras para o laboratório de referência da Organização Internacional de Criações, em Pádua (Itália), e foram esses resultados que nos confirmaram a infecção dos locais em questão pelo vírus da gripe do grupo A, tipo H5N1", indicou Roger Dovonou. Finalmente, o ministério saudita da Agricultura anunciou que 13.500 avestruzes de criação tiveram que ser abatidas na região de Riad a fim de as autoridades sanitárias poderem controlar um foco epidémico, escrevia hoje o diário "Al-Watan".

Mianmá não permitirá que Suu Kyi participe no processo constitucional

AFP_12 dezembro

O regime militar de Mianmá descartou, na segunda-feira, a possibilidade da líder opositora Aung San Suu Kyi desempenhar algum papel na redação da nova Constituição, ao começar os trabalhos de uma comissão encarregada de tal tarefa. "Não são necessários assistência nem conselhos de nenhum tipo", declarou o ministro da Informação, o general Kyaw Hsan, em uma entrevista coletiva, algo que por si só já é um fenómeno raro, em Naypyidaw, a nova capital.

O ministro da Informação anunciou que uma comissão de 54 pessoas, cuja criação tinha sido anunciada em 18 de outubro, tinha começado a trabalhar na segunda-feira para redigir uma nova Constituição, baseada nos grandes princípios já aprovados pela Convenção Nacional, que deu fim a 14 anos de debates em setembro. A Junta Militar afirmou que a Constituição, uma vez redigida, será submetida a um referendo, e que logo serão organizadas eleições em Mianmá. No entanto, não foi detalhada nenhuma data. O general Kyaw Hsan disse que os delegados da Convenção Nacional representam todos os setores da sociedade birmanesa, e que não se questionarão as decisões já adotadas. "Não é razoável nem justo emendar os princípios adotados pelos delegados que representam a toda a população", afirmou.

Relator brasileiro da ONU confirma 31 mortes em Mianmar

Globo_7 dezembro 2007

O brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, relator especial da ONU sobre direitos humanos em Mianmar e ex-secretário de Direitos Humanos do Governo FHC, disse nesta sexta-feira (7) que pelo menos 31 pessoas morreram na repressão às manifestações pacíficas de setembro na antiga Birmânia, embora não tenha descartado que o número de vítimas possa ser ainda maior. Esta é uma das conclusões do relatório que Pinheiro elaborou após visitar Mianmar convidado pela Junta Militar birmanesa. No estudo, o brasileiro também informa que até mil pessoas seguem detidas desde então. Pinheiro visitou Mianmar de 11 a 15 de novembro para uma missão de pesquisa encomendada pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, que na próxima semana apresentará seu relatório.

No documento, o relator acusa as autoridades birmanesas de terem utilizado a força de maneira desproporcional e cruel para reprimir as manifestações pacíficas de monges e civis que tiveram início contra uma alta de 500% no preço dos combustíveis. As forças de segurança empregaram munição real, balas de borracha, gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral, além de varas de bambu, o que "explica em grande parte as mortes e ferimentos documentados", diz Pinheiro em seu relatório. "Entre as vítimas estão monges, assim como homens, mulheres e crianças, que ou participavam dos protestos ou simplesmente passavam pelo local" dos incidentes. Segundo Pinheiro, o governo birmanês reconheceu a morte de 15 pessoas durante as manifestações. O relator brasileiro da ONU acrescenta que recebeu informações que confirmam "a morte de outras 16 pessoas como resultado direto da repressão às manifestações", e por isso pediu esclarecimentos à Junta Militar.

No entanto, Pinheiro assinala ter "informação crível baseada em testemunhas de que houve mais de 30 vítimas na capital, Yangon, associadas aos protestos de 26 e 27 de setembro". Além disso, informa sobre dados inquietantes, como o fato de não poder ter tido acesso a um crematório no qual, supostamente e segundo suas informações, a Polícia incinerou durante várias noites "um grande número de corpos". A oposição birmanesa, por sua vez, vem sustentando que nos incidentes de setembro perderam a vida cerca de 200 pessoas, e que mais de 6.000 foram detidas. O relator também declara em seu relatório que entre setembro e outubro "de 3.000 a 4.000 pessoas foram detidas", com um número de 500 a mil ainda em reclusão. Ainda é preciso somar 1.150 presos políticos que já estavam detidos antes dos protestos.

Pinheiro afirma que apresentou à Junta Militar birmanesa uma lista com 74 desaparecidos e 653 detidos para pedir explicações, mas que só se refere "aos incidentes nos quais se conhece os nomes das pessoas envolvidas".

O relator brasileiro acredita que esses números "subestimam a realidade, porque nem todas as famílias informam sobre o desaparecimento de alguns de seus membros por temor a represálias ou castigos severos". Pinheiro assegura que as forças de segurança continuaram realizando detenções depois das manifestações em "batidas" noturnas em residências, e que também recorreram a medidas arbitrárias e ilegais como a detenção de parentes ou amigos de militantes. Também denuncia que 42 mosteiros foram assaltados pelas forças de segurança entre 26 de setembro e 6 de outubro, e expressa preocupação pelo destino de alguns monges desaparecidos. Em seu relatório ao CDH, o relator recomenda que se exija do Governo birmanês a revelação de onde se encontram os desaparecidos ou detidos, a devolução dos corpos dos mortos a suas famílias para que possam ser sepultados e permissão para que a Cruz Vermelha tenha acesso aos detidos, entre outras medidas.